

LA COMÉDIATHÈQUE



como
um peixe
no ar

JEAN-PIERRE MARTINEZ

MONÓLOGOS
TRÁGICO-CÓSMICOS

**Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor:**
<https://comediathèque.net>

Como um peixe no ar

Monólogos poéticos, psicanalíticos e humorísticos

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Sem ser filósofo e sem se deitar no divã de um psicólogo, em nossos momentos de lazer ou durante nossas noites de insónia, cada um de nós questiona o sentido da vida. Pelo menos o sentido da sua própria vida. Dessa forma, nos confrontamos com pequenas perguntas sem grandes respostas. Ou mesmo grandes perguntas sem sequer um vislumbre de resposta. A menos que a rotina diária de repente descarrile e nos atire, com vertigem, à beira do abismo insondável do sentido. Um fundo tormentoso pode então emergir à superfície, revelando-se como um monstro marinho, um sentido proibido... que constitui a essência trágico-cômica de nossas existências cotidianas. Uma descida cômica às profundezas de nossas vidas superficiais...

1. Sem título.....	3
2. Autoestop.....	4
3. Divã.....	5
4. As Horas Pequenas.....	7
5. Salas Escuras.....	8
6. Houve uma última vez.....	9
7. Definição do amor (pelo que não é).....	10
8. O Deleite do Tédio.....	11
9. No Fio da Navalha.....	12
10. A Limpeza.....	13
11. Como Antes.....	15
12. O Substituto.....	16
13. Falar sobre o tempo.....	17
14. Nosso pai que estás em nós.....	18
15. Fazer a neve cair.....	19
16. Meio Desejos à Nação.....	21
17. Noite de slides.....	22

1. Sem título

Está alguém aqui? Não... Então, eles são como eu. Vocês também não conseguiram se tornar alguém. Ser filho de ninguém é bom. Alguns até ficaram muito famosos. Há antecedentes. Mas quem se lembra dos pais do filho de ninguém? Ninguém. Desde que cheguei ao mundo, sempre me disseram: se você quer se tornar alguém na vida, não faça nada. E acreditem, todos os que me disseram isso não eram um qualquer. Então eu tentei fazer algo de mim mesmo. Para me tornar alguém, como eles. Mas sei que não consegui nada. Nunca soube o que fazer da minha vida. Sou um tipo qualquer, como dizem. Um tipo estranho, até, segundo alguns. Devo não ter feito o que era suposto fazer. Por isso, faço o que posso. Faço um número, precisamente. Eu sou um comediante, como dizem: "Oh, esse tipo é um comediante". Será que um palhaço pode realmente se tornar alguém? Para isso, alguém teria que levar isso a sério... Mas nem eu consigo me levar a sério. Meu médico, quando vou vê-lo para uma baixa médica, repete-me sempre: Pare de fazer teatro! Sem mencionar o meu banqueiro que me acha um palhaço. Você emprestaria dinheiro a um palhaço? Está sempre a dizer-me. Pedra que roda não cria mofo... É por isso que os comediantes raramente acabam possuindo sua última morada. Eu também não tenho casa. Até dizem que pareço não saber onde moro. Se eu tivesse conhecido alguém na vida. Devias tentar conhecer alguém, como dizem. Mas se acham que é fácil estabelecer uma relação estável com alguém que nem sabe exatamente quem é. Não estava pedindo muito. Não necessariamente alguém... Se ao menos tivesse tirado o número certo. Mas não. Só tirei números errados, acreditem. Nunca o número complementar. Então, o número vencedor... E agora é tarde demais, não é? Sei que não me resta muito tempo. E eu sei que depois de eu desaparecer, ninguém vai dizer: esse era alguém. Podemos até falar de desaparecimento no caso de alguém que nunca conseguiu se tornar alguém? Não, no meu funeral, dirão: esse foi um cómico. Se alguém for ao meu funeral, claro. Já repararam que nos funerais de pessoas famosas há sempre uma multidão de anónimos, como dizem nos jornais? Mas no túmulo de estranhos, nunca há ninguém. E muito menos celebridades. Ou então tu deves ser um soldado sem papéis, morrer no campo de honra e ter muita sorte póstumamente. Não, em tempos de paz, não se deve sonhar. Ninguém voltará a acender a chama de todos os mortos que nunca conseguiram se tornar alguém enquanto estavam vivos...

2. Autoestop

Para onde vais? Não sabes...? Bem, sobe, eu te levo. Só tens isso como bagagem? Tens razão. Quando não sabes para onde vais, não vale a pena carregar muito. Eu só tenho uma pequena mala. Uma escova de dentes. Meias extras. Um fato de banho, caso precise... Não te esqueças de apertar o cinto, às vezes há verificações. Na verdade, eu também não sei muito bem para onde vou. Tirei alguns dias. Vou tentar encontrar um lugar tranquilo para refletir. Tenho uma vaga ideia para um romance... Com os laptops, agora é conveniente. Pode-se escrever em qualquer lugar. Até em casa. Eu tenho internet também. Quando saio de casa, levo a caixa de correio comigo. Não está mau este lugar, certo? Pena que preveem mau tempo. Gosto de conduzir assim. Já ter ido, mas ainda não ter chegado. Sinto que existo um pouco. Deve ser por isso que nunca acabo nada. A quantidade de romances que comecei! Quando era criança, o que mais gostava era o percurso entre minha casa e a escola. Prolongava o prazer indo o mais devagar possível. Mas... mesmo que te demores, acabas sempre por chegar a algum lugar. Definitivamente, preciso abastecer aqui. Avisas se vires um posto de gasolina? Sim... Quando era criança, a certeza de que um dia ia morrer aterrorizava-me. É o destino de todos, certo? Então, primeiro tentei convencer-me de que não era como todos os outros. Mas muito cedo tive que resignar-me à ideia de que não era Jesus Cristo. Apenas um tempo elástico separava-me de uma morte certa. Talvez até prematura! Não apenas estava certo de que ia morrer, mas não sabia quando. Em resumo, era urgente abrandar para não morrer precipitadamente. Por que é que este tipo está a buzinar assim? Ultrapassa se tens tanta pressa! O que estava a dizer? Sim, então, como não podia parar o tempo, tentei reter cada momento. Para que passasse mais devagar, percebes? Com a esperança secreta de que uma memória mais densa eventualmente travaria o relógio de areia. Para começar, escolhi um momento ao acaso e decidi arbitrariamente guardá-lo para sempre. E funcionou! A primeira vez... Um momento inesquecível, embora absolutamente insignificante... Nunca consegui repetir essa proeza. De qualquer forma, ao longo do tempo, mudei minha perspectiva sobre a existência, certo? Sim, morremos, claro, mas nunca desaparecemos completamente. Nada se perde, nada se cria. Infelizmente, ao longo do tempo, a certeza de um eterno retorno me aterroriza ainda mais do que a ideia de um fim definitivo. Então, isto nunca vai parar? E o que será de nós quando estivermos mortos? É verdade, a reencarnação é assustadora, se pensares nisso. Mesmo que não estejas completamente satisfeito com tua vida atual, nada garante que, uma vez ressuscitado, não acabes sendo alguém ainda mais infeliz do que tu... Há tanta miséria no mundo. Não tens medo desta roleta russa? Não, não sabemos para onde vamos. Nem sequer sabemos de onde viemos. Lembra-te de uma borboleta ter sido uma lagarta? O homem nem sequer lembra de ter sido um símio. Ah, um posto de gasolina! Quase pensei que ficaríamos sem gasolina. Se quiseres esticar as pernas ou usar o banheiro, leva o teu tempo. Não temos pressa. Não sabemos para onde vamos...

3. Divã

Deito-me ou...? Tudo bem... Não sei muito bem por onde começar... Encontrei seus dados na lista telefônica... Você pode perguntar a um amigo se conhece um bom dentista que não seja muito caro e que não doa, mas... alguém como o senhor. Então, consulte a lista... E depois escolhi seu nome aleatoriamente da lista... A lista era bastante longa, não era? Trabalho em dinheiro, nestes tempos... Dizem que não precisa de um diploma para fazer seu trabalho. Que só precisa ter sido cliente para trabalhar por conta própria... É verdade? Então, eu também, depois, se quiser... Considerarei que estou em formação. Mas, não se preocupe que todos os seus clientes se tornem concorrentes potenciais? Pode imaginar? Vou ao meu açougueiro, compro uma cabeça de vitela e, ao sair, abro uma açogueira exatamente em frente... Não acredito que isso aconteça, claro. Além disso, detesto carne... Até com ovos, tenho problemas. Bem, de vez em quando como um, mas... Dizem que as aves são descendentes dos dinossauros... Então, um ovo é um pouco como um feto de dinossauro, não é? Na verdade, não escolhi seu nome completamente ao acaso... O senhor foi o último da lista... Como seu sobrenome começa com um Z... Provavelmente quis corrigir uma injustiça... É meu lado Zorro. Sim, imagino que os outros sempre escolhem o primeiro da lista... Sr. Aa, Sra. Ab ou Sr. Bb... Posso imaginar o que deve ter sofrido durante seus estudos... Se é que os fez... Sempre o último a ser chamado... Eu estou na categoria M... Mais para trás, mas tudo bem... É curioso, meu nome começa com Z também... Meu pai era espanhol... Não sei por que digo "era", porque ainda é... Quero dizer, está vivo. Bem, acho que está... Mas, pode dizer que ainda é espanhol? Naturalizou-se... Naturalizado francês, quero dizer... Não embalsamado... Ou congelado... É incrível, todas essas mulheres que colocam seus filhos no congelador, não é? Entre os peixes empanados e os sorvetes... Se ao menos as crianças pudessem fazer o mesmo com seus pais... Conservá-los no congelador até saber o que fazer com eles... Por que estou te contando tudo isso? Ah, sim, o Z. Então, preciso contar tudo desde o início, não é? Da A à Z. Ou melhor, da M à Z... Porque para mim, começa com M... Nunca gostei do meu nome... Maurício. Já notou na televisão e nos filmes? O tolo do serviço sempre se chama Maurício... Como em "Jeannie é um Gênio", por exemplo. Conhece? Mas sim, o idiota na história é ele. Ela passa o dia todo tentando evitar a vergonha de ser vista como o tolo que realmente é. E ela mal tem poderes mágicos suficientes para evitar isso. Bem, ela ama seu Maurício, porque ele é amável. Amável, mas tolo. Essa é a ideia geral que as pessoas têm dos Maurícios, em geral. Eu também tenho uma filha. Deveria tê-la chamado de Tabata. Não quero dizer que minha esposa seja uma bruxa. Mais um fada... Para poder me suportar... Isso é o que minha mãe sempre diz a ela: Como você aguenta? Minha mãe é da Normandia. Como as vacas. Então, leite, manteiga, creme... Quanto já comemos disso! Não digiro a manteiga, herdei isso do meu pai. Na Espanha, é mais azeite de oliva. Meu pai sempre dizia a ela: Por que você coloca tanta creme na sopa? Deveria ter perguntado a ele por que não colocava mais sopa no creme... Parecia que não conseguia evitar... Atavismo... No final, meu pai encontrou outra pessoa para lhe servir a sopa... Agora em casa, sou eu quem cozinha. Assim, pelo menos, sei o que estou comendo. Não diz nada, não é? Mas tenho certeza de que está pensando nisso. Com certeza está se perguntando por que vim vê-la. Se eu soubesse, suponho que não teria vindo. Bem, sim, tem algo. Como lhe digo? Quanto mais o tempo passa... mais me

sinto próximo ao mineral. Não sei por quê. Conhece a expressão: quanto mais conheço os homens, mais amo meu cachorro? Pois eu, quanto mais o tempo passa, mais as pessoas me entediam. Também os cachorros, aliás. Com as pedras é com que realmente me sinto confortável... Uma vida humana... não é muito curta, não é? Então, uma vida de cachorro... Uma pedra, pelo menos, não envelhece... Até as árvores já não me dizem nada. Embora algumas tenham mais de mil anos. Mas uma árvore também pode morrer. Até pode ter doenças. E então é comida pelos vermes, como o resto. No final, volta à cadeia alimentar. Uma pedra, não. Ninguém come pedras! Exceto as galinhas, é verdade... Para fazer a casca de seus ovos. Também não se pode dizer que as pedras sejam realmente eternas... Acredita que os dinossauros também comiam pedras para fazer seus ovos? Nesse caso, por que se preocupar em ser uma pedra? Se no final vai acabar como uma casca vazia depois de uma omelete... Então, por que gosto de pedras, doutor? Quero dizer, Sr. Z.

4. As Horas Pequenas

As horas pequenas? Conhece-las? Um, dois, três, quatro... Com cinco, já estaríamos fora de perigo. Só teríamos que esperar um pouco ouvindo rádio. Mas acordamos e olhamos pela janela. Nem um brilho. Ouvimos atentamente. Nem um canto de pássaro. Os diurnos ainda dormem, os noturnos já estão deitados. Não há esperança de uma manhã próxima. Estamos na escuridão mais profunda, no território de ninguém, na noite de insónias acordadas. Claro que um esforço seria suficiente para levantar e caminhar. Mas seria prematuro. Quase não natural. Ver a noite antes de ver o dia... Por isso, temos de voltar atrás. Atravessar a fronteira de novo. Voltar para onde nada pode nos alcançar ainda. Onde nada pode esperar por nós. Onde ninguém nos pode ouvir. O além é o mais aqui de uma eternidade reversível. Conto até cem. Ao contrário. Noventa e nove, noventa e oito... Esperando que antes que essa contagem regressiva acabe, pare de contar. Em noites de insónia extrema, começo em 7 bilhões. Seiscentos e noventa e nove milhões novecentos e noventa e nove mil novecentos e noventa e nove antes que chegue a minha vez nesta vasta sala de espera ao ar livre que é o mundo dos vivos. Quanto tempo para desfazer um por um todo esse estoque que não é meu, para me reconhecer nessa multidão e encontrar meu sonho? Uma noite para saber quem você é. O que te diferencia dos outros. Uma vida para descobrir tudo o que você não é. Morrer. Fundir-se de novo no indistinto. Dormir. Deixar ir. Com medo de acordar sendo outro. Em uma escuridão que seria um pesadelo sem esperança de amanhecer. O que me mantém vivo, o que me mantém acordado, é o medo de cair em uma noite ruim, em um sono ruim, no cansaço eterno. Insónia é uma corrida imóvel contra o tempo. Uma vitória temporária. Quatro, três, dois, um... Entre a letargia da noite e a brutalidade do despertar, as horas pequenas contam o tempo contado das insónias.

5. Salas Escuras

Estão se perguntando o que eu faço aqui? Bem, estou igual a vocês. Esperando. Esperando que algo aconteça. O quê? Não sei. Se soubesse... Poderia levantar e dar uma volta enquanto esperamos, certo? Vocês também poderiam, na verdade... Mas não... Não acho muito prudente... Nunca se sabe se algo interessante pode acontecer durante nossa ausência... Ok, por agora, não está acontecendo nada. Mas pode recomeçar no momento em que menos esperamos. De repente... Sabe, é como quando estamos no cinema e o filme para abruptamente porque a película derreteu devido ao calor do projetor. A luz se acende e ficamos lá como idiotas, ofuscados, como se tivéssemos sido bruscamente retirados de um sonho. Lentamente, recuperamos a sensação e começamos a esperar. A esperar que o filme recomece o mais rápido possível. Que nos mergulhe novamente em nosso coma artificial rebobinando o rolo. E então percebemos que não sabemos quanto tempo durará a pane. Talvez seja mais grave do que pensamos e a projeção será cancelada. Na verdade, nem temos certeza se há alguém na cabine para consertar as coisas. E se o projetista tiver ido embora depois de começar o filme? Depois de um tempo, o espectador mais corajoso se levanta para ver o que está acontecendo. Sob o olhar admirativo de todos os outros que ficaram sentados covardemente, esperando alguém decidir. Mas o herói não sabe para onde ir para salvar seus colegas de infortúnio do naufrágio. Uma cabine de projeção é muito misteriosa. Não tem janelas. Apenas uma fenda para deixar passar a luz do projetor. Nem sabemos onde está a porta secreta de acesso a essa fortaleza proibida. Então o cara sai da sala, volta para a entrada do cinema e pergunta à atendente de plantão o que está acontecendo, que obviamente não sabe de nada. Ela também não sabe onde está o projetista. Aparentemente, ninguém nunca o viu. Mas ela diz que vai descobrir. O cara volta para a sala após esse ato de coragem, pronto para relatar e esperando ser aplaudido por sua iniciativa audaciosa, apesar do resultado mais do que incerto de seu gesto. Mas quando ele abre a porta, percebe que a sala está escura novamente. O filme já começou de novo! Sem ele! Ele foi enganado. Pensa que teria sido melhor esperar tranquilamente com os outros até que as coisas se resolvessem por si mesmas. Com tudo isso, ele perdeu uma parte do filme. Apenas alguns segundos, nada mais. Mas talvez tenha sido uma cena chave. Imagine perder a entrada do trenó em "Cidadão Kane"... Além disso, essas imagens perdidas se somam às que o projetista provavelmente sacrificou para fazer um reparo rápido soldando as duas extremidades derretidas do rolo. Agora, ele definitivamente estará fora de contexto, pensa aquele que retornou e cujos olhos ainda não se adaptaram à escuridão. Ele volta tateando para o seu lugar e pergunta baixinho para a vizinha resumir o que aconteceu durante sua ausência. A garota se prepara para responder a contragosto, temendo perder uma linha essencial durante essa atualização, quando atrás deles uma voz irritada grita: Shhh! Então a garota, aliviada, lança um olhar constrangido para o incomodado antes de voltar a dirigir seus belos olhos fascinados para a tela, enquanto aproveita novamente enfiando a mão em sua embalagem de pipoca. O show deve continuar! Mas o pobre zumbi já não entende mais nada do filme... Então prefiro esperar... Sabem quanto rende uma conta poupança no momento...? Três por cento ao ano... Depositamos teu salário mínimo no banco de poupança, congelamos por quinhentos anos. Te descongelamos e és milionário. Nesse caso, vale a pena esperar, certo?

6. Houve uma última vez

Na vida, é preciso esperar qualquer coisa. Manter-se preparado. Pela manhã, a pessoa se levanta. Como todos os dias. Nunca se sabe se não será a última manhã do último dia de sua vida. Bem, às vezes, pode-se intuir um pouco, não é verdade...? Quando nem mesmo consegue se levantar, por exemplo. Quando está lutando contra uma longa doença, uma longa doença que se aproxima do fim, veja só, e o capelão do hospital passa perguntando se realmente precisa de algo. Aí é quando pensa que se não for para hoje, pelo menos não demorará muito. Quando está se preparando para pular de um avião em pleno voo, olhando para o céu para não ver lá embaixo, e imagina o que aconteceria se o paraquedas não se abrisse. Então verifica uma última vez se o anel não está emperrado. Se o tecido não está rasgado. Se por acaso não está prestes a se lançar no vazio com o saco de dormir. Mesmo que não seja crente, faz o sinal da cruz só por precaução. Não custa nada. E depois, sem nenhum remorso, sempre pode decidir não pular. Ficar no avião, chamar a aeromoça e pedir um uísque. Esperar que o avião aterrisse suavemente. Ou que se estrelasse. Mas todos juntos. Quando se é um matador e está prestes a matar seis touros seguidos, das cinco às sete. E se um deles não concordar? Pode se rebelar. Quanto tempo mais sobreviveremos a esse matadouro ao ar livre? Desde a noite dos tempos, matar para viver é um trabalho perigoso. No corredor da morte, quando se ouvem passos atrás da porta nas primeiras horas e o serviço de quarto traz um café da manhã continental em uma bandeja de fina porcelana em vez do suco comum em uma lata de folha de flandres. Então, você sabe que precisa liberar o quarto antes do meio-dia, que a conta não demorará a chegar e que não escapará dela. Quando salta em bungee e sabe que a corda pode se romper. Quando cede e salta sem corda. Quando se lança com um preservativo e ele se rompe. Quando se lança sem preservativo. Quando se levanta de manhã e já não sabe por quê. Quando pensa que sobreviver não seria viver. Quando prefere morrer por algo em vez de viver por nada. Quando morre de fome, quando já não pesa nada e não consegue fazer mais nada. Quando já disseram a você muitas vezes para ir para o inferno. Sim. Há momentos em que se pode intuir que não haverá uma próxima vez. E depois há os momentos em que não se vê chegando. Os momentos em que se vai como chegou. Por acidente. Onde se morre como viveu. Tolamente. Os momentos em que se perece por acaso. Sem aviso prévio. Onde se morre por engano. Sem anúncio. Um dia, você se levanta de manhã, e não haverá mais. E não sabe.

7. Definição do amor (pelo que não é)

Há quanto tempo nos conhecemos? Pelo menos vinte anos, certo? Por que nunca transamos juntos, aliás? É verdade, nos damos bem... Até poderíamos ter casado! É curioso, eu te vejo um pouco como uma ex. Apesar de nunca termos saído juntos... Quase aconteceu uma vez, lembra? Me fizeste beber. A menos que tenha sido o contrário. Acabamos na minha casa, completamente bêbados. Rimos como loucos a noite toda, mas esquecemos de ir para a cama juntos. Talvez seja porque nos damos muito bem, precisamente. Faltaria um pouco de emoção. Nos cansaríamos a longo prazo. É verdade, nós dois rimos muito, mas... Não consigo imaginar ter relações sexuais com uma garota que ri. Bem, há risadas e risadas. Posso fazer uma garota rir para dormir com ela. Mas dormir com uma garota que me faz rir... Não, se eu dormisse contigo, teria a sensação de estar deitado com um amigo. Com uma amiga, se preferires. E além disso, eu não gosto de loiras. Eu sei, tu não és loira. Mas eras quando te conheci... Eu não sabia que não era tua cor natural! Por que será, hein? Não é que eu não goste de loiras, mas... Depende. Deve ser a cor. Tu eras um pouco loira demais para mim. Garotas muito loiras, não sei, me dão um pouco de nojo. Fisicamente. Não sei por quê... Deve ser uma questão de pele. Agora é tarde demais. Sempre vou te imaginar com a pele de uma loira que tingiu de morena. E além disso, você não és realmente morena... Não és castanho também. Não sei como chamar... Não é que eu não goste de ti, ok? Além disso, agradas a todos os homens. Normalmente, isso costuma ser motivador... Mas não aqui. Não, não consigo definir exatamente por que nunca tive vontade de dormir contigo... Deve ser isso, o amor... Quero dizer, esse "não sei o quê" que faz com que queiramos dormir juntos ou mais, se acontecer. Conseguimos definir o que é o amor, né? Pelo que não é... Agora, por que casei com minha esposa em vez de você ou outra, isso eu não sei mesmo? Bem, em primeiro lugar, ela gostava de mim. Foi menos complicado. Se ela não tivesse gostado, eu teria insistido...? E se eu tivesse insistido, ela teria gostado...? Nunca saberemos. O amor compartilhado é mais simples, mas é menos... Como dizer... Uma vitória sem risco, triunfo modesto. Aliás, eu me pergunto o que ela viu em mim... Tens alguma ideia...? Poderia perguntar a ela, mas... Se ela me devolver a pergunta... Às vezes, há tópicos que é melhor não abordar. Um pouco de mistério no relacionamento não pode fazer mal. Embora também não precise exagerar. Uma vez saí com uma garota. Depois de um ano, ela terminou comigo. Perguntei por quê. Ela disse que estava entediada na cama comigo. Um ano! Há limites para a discricção... Então agora, por que ela saiu comigo por um ano? Nem passou pela minha cabeça perguntar... Certamente havia uma razão. Ou talvez ela tenha mentido. Sobre meu desempenho sexual, quero dizer... Não estou dizendo que isso tenha ferido meu orgulho de macho, né? Fiquei um pouco surpreso, é só isso. É verdade, eu tenho a reputação de ser bom na cama. E tu? Não, quero dizer, e tu, realmente não queres me dizer por que nunca tiveste vontade de sair comigo? Não precisas responder, ok?

8. O Deleite do Tédio

Eu me entedio, e vocês, não? Não, mas não é que eu me entedie especialmente com vocês. Eu me entedio em geral. Com vocês ou sem. Eu sempre me entediei muito, na verdade. Desde pequeno. Não sei por quê... No começo, isso me incomodava um pouco. E depois, eu me acostumei. Minha esposa, por outro lado, nunca se entedia. Ela tem sorte. Diz que sempre tem algo para fazer. E quando realmente não tem nada para fazer, ela dorme. Eu, por outro lado, durmo muito mal. Acordo às três da manhã e não consigo mais pegar no sono. Então, eu me entedio. Até mesmo à noite. Enquanto minha esposa dorme profundamente. Bem, durante o dia eu poderia trabalhar, você dirá. Isso talvez me ajudaria a dormir melhor à noite. Mas se vocês acham que trabalhar é muito mais divertido do que se entediar... O trabalho só serve para se manter ocupado durante o dia. É como assistir televisão à noite, fazer palavras cruzadas aos domingos ou jogar bocha nas férias. Só serve para esquecer temporariamente que você não sabe o que fazer consigo mesmo. Não, eu me entedio em tempo integral... e o pior é que eu me pergunto se não tiro certa satisfação disso. Porque há um prazer em se entediar, não é verdade? Assim como há um prazer em estar triste. Até mesmo uma espécie de nobreza. Para se entediar, primeiro você precisa ter tempo livre. E poder se dar ao luxo disso. É um luxo que nem todos podem se dar. O tédio é uma liberdade fundamental que não é limitada por nenhum passatempo. Além disso, eu me pergunto se não prefiro me entediar do que me divertir, afinal. É verdade, se divertir é entediante a longo prazo. Você sempre acaba fazendo as mesmas coisas. Revendo as mesmas pessoas. Fazendo as mesmas coisas com as mesmas pessoas. Enquanto que... há mil formas de se entediar... E então, se divertir, entre nós, é um pouco vulgar, não é? É mais barulhento, para começar. Você já ouviu pessoas se divertindo? As risadas, os gritos... É como explosões de artilharia. Pessoalmente, me quebra os ouvidos. As festas, a música... A festa da música! Realmente precisava ser feito ao ar livre para que todos pudessem aproveitar? E quanto aos que não gostam de festas? Que não gostam de fogos de artifício? Pessoas entediadas, pelo menos, não incomodam ninguém. Quero dizer, pessoas capazes de se entediar sozinhas em seu canto e têm a decência de fazer isso em silêncio. Não aquelas que repetem a cada cinco minutos que não sabem o que fazer. Como algumas crianças. As minhas, por exemplo... É verdade, não é? Só porque você tem filhos, não significa que tenha uma vocação para animador de um centro de lazer. Ou deveríamos fazer com que todos que se casam e pensam em procriar obtenham um título de animador de tempo livre... Não, a vantagem de amar o tédio é que você pode fazê-lo em qualquer lugar. E não precisa de ninguém. Eu posso me entediar em qualquer lugar. Até no teatro. E com qualquer pessoa. Até mesmo com minha esposa. Principalmente com minha esposa. Pra dizer tudo, eu prefiro me entediar na companhia dela. Porque não se deve pensar que se pode se entediar bem com todo mundo. Ainda assim, é preciso encontrar alguém suficientemente discreto... E o melhor de tudo é que minha esposa se diverte quando eu digo isso. Eu me entedio e ela se diverte... Bem, não é que eu não me entedie com vocês, mas terão que me desculpar. Tenho algo para fazer agora. Algo muito entediante, na verdade. Então, entediem-se bem...

9. No Fio da Navalha

Vocês vão rir, não faço ideia do que estou fazendo aqui... E vocês? Não, quero dizer, vocês sabem o que eu deveria fazer? O que se espera que eu diga? Se souberem, não hesitem em me dizer, certo? Eu não faço a menor ideia. Estou aqui parado como um computador que foi desconectado sem aviso prévio para conectar o aspirador no lugar. Ou talvez seja uma queda de energia. Eu deveria ter feito um backup. Mas como eu poderia adivinhar que cortariam minha eletricidade? Talvez eu tenha esquecido de pagar a conta... Não estou falando de uma simples perda de memória, certo? Nesse caso, eu improvisaria. Até que algo viesse à minha mente. Até que eu encontrasse o fio. Ou eu perguntaria ao auxiliar de palco, né. Ah, é verdade, nem há mais auxiliar de palco... Nem mesmo há texto nem autor. Redução de pessoal. Vocês verão que logo também vão eliminar as redes para os equilibristas e as palavras para se expressar. Quando suprimirem as redes para os pescadores e as teias de aranha para as aranhas, aí sim teremos que nos preocupar de verdade... Orem por nós, pobres pescadores. Nos levam para lá e para cá e ainda assim temos que pagar o combustível. Equilibristas com uma aranha no teto... Um pouco como todos nós, não é? Enquanto mantivermos o equilíbrio e caminharmos em linha reta na corda bamba, tudo ficará bem. Mas quando perdemos o fio... Quando já não sabemos o que dizer, podemos começar a dizer qualquer bobagem. Podemos dizer o que não deveríamos. E depois... só podemos dizer: desculpe, escapou-me. Não era de modo algum o que eu queria dizer. Na verdade, é exatamente o que eu queria calar. Surgiu em minha mente e as palavras saíram da minha boca apesar de mim. Porque ao mesmo tempo, o que se supõe que devemos dizer, né? Temos que dizer algo, certo? Temos que preencher o espaço. O silêncio é pior do que tudo, sabem. É completamente intolerável. Especialmente quando as pessoas vieram ouvir o que você tem a dizer e pagaram pelos ingressos. Quando falo de silêncio, não falo apenas de não falar, certo? Nada é mais eloquente do que um mimo. E não sei se alguma vez vocês pegaram o ônibus com um grupo de surdos-mudos, mas têm que ver a confusão. Não, estar aqui sem falar é muito mais difícil do que falar por falar, acreditem. Falar por falar, isso sim que diz muito. Um lapso de memória é como um escorregador. Como um buraco negro. Sabemos que vamos ficar surpresos quando chegarmos, mas não sabemos onde vamos terminar. A única coisa que sabemos é que, uma vez que começamos, não podemos parar. Então, é normal que antes de nos deixarmos escorregar, tenhamos um pouco de apreensão, não é? Por que estou contando tudo isso mesmo? Onde eu quero chegar? Vocês não dizem nada, né? Não estão ajudando muito... Embora, pensando bem, estou acostumado. Acabei de sair do consultório do meu psicólogo. Ele também nunca diz nada. Dirão que isso evita que ele diga besteiras. Curiosamente, todos os psicólogos que ouvi dizer algo me pareceram mais perturbados do que eu. Sério. Nunca o ouvi falar em dez anos. Então acabei de dizer a ele que seria melhor deixar assim, precisamente. Não, realmente me custava muito tentar encontrar algo para dizer a ele toda semana. Então, quando passou para duas vezes por semana... Nem vou contar para vocês. E eu não preciso mais deitar, agora que estou aqui, né? Aqui, é um pouco como no divã. Com várias fileiras de psicólogos me ouvindo em silêncio. E pelo menos vocês são quem coloca as notas em cada sessão...

10. A Limpeza

Fazer a limpeza não é algo que me divirta muito. Não se enganem, não sou daqueles solteiros afetados, amantes da cera, que se entregam na intimidade de sua casa aos prazeres do polimento sobre o piso. No entanto, parece-me que há uma certa grandeza discreta em varrer à sua porta. Segurando firmemente o cabo da vassoura, mantém-se firmemente ancorado na realidade. Somos pó e ao pó retornaremos. Limpar o próprio vaso sanitário obriga a ter certa humildade. Uma certa modéstia. Ousarei dizer, até mesmo fazer a própria limpeza é um sinal de boa higiene mental e preserva contra muitas loucuras. Não falo de pequenas manias individuais. Não, falo da defesa da democracia. O esfregão é a última barreira contra a tirania. Hitler teria invadido a Polônia se tivesse que passar o aspirador antes? Pol Pot teria exterminado seu próprio povo com tanto entusiasmo se pudesse se ocupar de tirar as teias de aranha do teto em casa? Não, nunca vimos um ditador fazer a limpeza ele mesmo. Contratar uma empregada doméstica é sonhar em ser um tirano doméstico. É o primeiro passo rumo à megalomania. É a anexação simbólica da Polônia! O gênio, por outro lado, não é inimigo das tarefas domésticas. Podemos imaginar Arquimedes tendo a ideia de seu teorema em pé na frente da pia com suas luvas de borracha: qualquer mão submersa na água sofre uma força vertical de baixo para cima igual ao peso da água usada para lavar a louça deslocada. E se há tantas naturezas-mortas com fruteiras, cascas de legumes e bifés crus em museus, é porque os grandes mestres da pintura passavam muito tempo em suas cozinhas. Contratar uma empregada doméstica, acreditem, é uma preguiça intelectual. O que eu digo? É o pecado original! A primeira renúncia às suas responsabilidades como homem que abre as portas para todas as futuras renúncias. O pequeno acordo com a sua consciência que permite todas as futuras cumplicidades. É a origem do capitalismo! O início da exploração do homem pelo homem. Ou melhor, da empregada doméstica pelo homem, ou pela executiva, que, concordarão, já não é totalmente uma mulher. Porque é preciso ter pelo menos a honestidade de enfrentar a verdade: a grande limpeza que você se recusa a fazer em sua casa com medo de sujar as mãos, alguém mais terá que fazer por você. Outro a quem desprezará por seu servilismo, ou pelo menos a quem olhará com condescendência para fazer pagar sua própria covardia. Por que, você acha, sempre pagamos à nossa empregada doméstica por fora? E sem nenhum escrúpulo, por sinal. Porque não podemos considerar seriamente que fazer a limpeza na casa dos outros seja uma verdadeira profissão. Muito menos um trabalho que mereça salário e direitos sociais. Então, procuramos uma desculpa. Dizemos que se não tivéssemos nada melhor para fazer, com certeza faríamos o trabalho, limparíamos as janelas da sala de jantar e a tampa do vaso sanitário. Que se preferimos deixar isso para outra pessoa, não é por preguiça, pelo contrário. É por devoção! Quase por abnegação! Para não prejudicar o restante da humanidade com os inúmeros benefícios que não poderíamos trazer se tivéssemos que fazer a limpeza em seu lugar. Vejam como eu queria chegar quando falava de humildade... De acordo, também não podemos ir contra a natureza. É evidente que um homem, com uma constituição normal, não está geneticamente equipado para manusear um ferro de passar. Mas bem... Por isso a sociedade inventou o casamento. Compartilhar as tarefas domésticas, sim. Mas cada um mantém a sua dignidade. Então, nessa nobre servidão doméstica compartilhada, o casal poderá voltar a ser o que nunca deveria ter deixado de

ser: um lar. Não disse o filósofo que é preciso cultivar o seu jardim? Ele não achou necessário acrescentar que também deveria descascar seus legumes, servir a sopa e lavar as tigelas depois, mas estava implícito. Em verdade vos digo que a empregada doméstica não é o futuro do homem de jeito nenhum. E quando os grandes do mundo se virem obrigados pela constituição a fazer eles mesmos suas pequenas lavagens, a humanidade inteira cheirá a lavanda.

11. Como Antes

Lembram-se? Eram tempos bons... Ou pelo menos, é o que dizem. É o que acreditamos. Será que realmente foi tão bom antes? De qualquer forma, foi o começo. O princípio de tudo. A primeira das coisas. A religião é a ritualização de uma memória imaginária. Começamos sonhando diante das vitrines dos grandes restaurantes, salas proibidas para menores de dezoito anos, e quando finalmente temos o direito de entrar, é a fome do começo que sentimos falta. Os bons tempos quando ainda tínhamos apetite. Quando a curiosidade ainda não era um vício. A ataraxia não é uma doença infantil, é a coartada que ajuda os velhos a se resignarem. Para escapar dessa fatalidade, teríamos que poder inverter a ordem dos pratos que a história nos serve. Sentar à mesa com o estômago vazio. Que o apetite venha comendo. E ficarmos com fome. Infelizmente, em toda parte, são os pequenos riachos que formam os grandes rios. Os pequenos vasos sanguíneos, as grandes artérias. Esperamos toda a vida pelo acidente feliz que mudará o curso das coisas. E quando esse evento chega, o coração já não está nele. A menos que seja um ataque cardíaco... A velhice é um naufrágio que nem sempre termina bem. Salva nossas almas. Ou encontra uma ilha deserta onde encalhar na praia. E começar tudo de novo desde o início. Onde diabos poderíamos ter errado? Mesmo hoje, faço-me esta pergunta: será que este imenso desastre é resultado de um mal-entendido distante que uma explicação franca, mesmo tardia, poderia ter dissipado, ou é finalmente apenas a consequência lógica de um diálogo interminável de surdos? Vamos lá, se pensarmos bem, se formos um pouco astutos, talvez possamos nos lembrar de ter sido um macaco. Ou até mesmo uma liana. Às vezes, nesta selva, recordo o tempo em que eu era tão flexível quanto uma liana. Quando essa única exaltação era suficiente para transformar meu desejo em realização.

12. O Substituto

Olá! Sou o substituto. Então, permitam-me apresentar-me, porque não tenho certeza se todos me conhecem. Sou Deus. Não, mas fiquem sentados, está bem? Não se preocupem. Eu sei, no início é um pouco impressionante, mas verão que logo se acostumam com a minha presença. Logo nem me verão e agirão como se eu não existisse. Como com meu antecessor. Então, obviamente, estão se perguntando como se torna Deus, é normal. Pensam, "Bem, ele escapou do hospício, junto com seu amigo que se acha Napoleão". Não, mas eu não estou me fazendo passar por Jesus Cristo, certo? Todos sabem que Jesus Cristo morreu há 2000 anos. E além disso, Jesus, eu não tinha a aparência adequada. Não teria sido crível. Não teria sido real, sobretudo. Mas Deus... Não se parece com nada. Está em todo lugar, mas não se vê em lugar nenhum. Quando lhe falam, não responde. E entre nós, faz muito tempo que não faz nada muito significativo, certo? Basta ver como a Igreja luta para homologar um milagre ou dois postumamente... E mesmo assim, nada que quebre o molde. Algo como, perdi as chaves do meu 4x4, e depois de ver o Papa na televisão, milagrosamente elas reapareceram no forro da minha jaqueta... Ou então, tinha câncer de cólon, e depois de 23 sessões de quimioterapia, uma extirpação total do intestino e uma viagem a Lourdes, milagrosamente sobrevivi com uma sonda no estômago e um ânus artificial. Estamos longe de o Mar Vermelho se abrir em dois ou de esquiar no Mar da Galileia, descalço e sem lancha motorizada. Isso, entre nós, realmente tinha estilo. Compreende-se que naquela época, isso pudesse inspirar vocações. Ok, Deus criou o mundo. O Big Bang, Adão e Eva, os dinossauros, tudo isso em uma semana. É verdade que no começo, fez um bom trabalho. Mas desde então... Agora, Deus é mais como um título honorário. Todo-poderoso, vamos lá! Ele tem aproximadamente o mesmo poder que a Rainha da Inglaterra, sim. Então pensei, Bernardo, há um lugar para você. Sim, não deveria te dizer, mas antes de ser Deus, eu me chamava Bernardo... Ok, é um trabalho voluntário, mas... O Papa também não faz por dinheiro. Não, mas para ser Papa, ainda tem que estudar. Tem que se apresentar como candidato, há eleições... Para ser Deus, não se preocupa com tudo isso... Bem, começar a ser Deus é como parar de fumar. No início não é fácil... Depois, tem que se manter nisso, é só isso... É uma questão de vontade, sabem? Só tem que acreditar em si mesmo. Se não acredita em si mesmo... Então, sei muito bem por que vieram, certo? Não pela pequena coleta no final. O que esperam de mim quando me procuram é que traga a boa nova. Por exemplo, que sussurre a combinação vencedora do próximo sorteio esportivo, se possível com o número complementar. Não, mas não funciona assim. Se fosse só uma questão de pedir, se saberia. Não, não farei mais do que o que estou substituindo, mas prometo estar nisso. Também não me verão, mas sempre estarei ao seu lado, como ele. Então, me fazem um sinal um pouco antes. Uma criança doente, um plano de redução de pessoal em perspectiva, uma morte na família... Me chamam e aparecerei. De dia e de noite. Em qualquer clima. Vou deixar meu número de celular na recepção. É preciso pagar a ligação, mas... Se não atender, deixem uma mensagem na minha caixa postal... (Olhando para o relógio) Ah, bem... Não é que esteja ficando entediado, mas me esperam em outro lugar. Posso estar em todos os lugares, certo, mas não ao mesmo tempo, de qualquer forma. Vamos, eu lhes asseguro: depois de uma semana ou duas, não verão nenhuma diferença com o anterior.

13. Falar sobre o tempo

Tempo estranho, não é mesmo? Não sabemos como nos vestir. Estamos indo para algo melhor ou o pior já é certo? Vale a pena se vestir? Tempo imprevisível, como dizem. Vale a pena falar sobre isso? Mas precisamos sair, não é? Precisamos conversar. Em qualquer clima. Pelo menos para tirar o lixo e abastecer a geladeira. Se ao menos nos ouvíssimos às vezes. Ficaríamos em casa. Ficaríamos na cama. Falando sobre o bom tempo e falando sobre a chuva. Mas dizem que na vida já passamos trinta anos dormindo. Então, imagine um pouco. Se ficássemos na cama. De qualquer forma, na vida, passamos muitos anos falando conosco mesmos. E falando sozinhos. Quando somos crianças, falamos com pessoas que deveriam existir. Quando somos velhos, falamos com pessoas que já não existem. Entre esses dois extremos, como adultos, preferiríamos nos ouvir falar. O outro está lá apenas para devolver o eco. Falamos com paredes que não têm ouvidos. Falamos com cachorros que não falam. Gritamos na cara dos surdos e falamos com os cegos em linguagem de sinais. Todo mundo fala ao mesmo tempo. E quando não há mais nada a dizer, todos se ouvem ao mesmo tempo. Falamos sozinhos porque tememos a escuridão. Também falamos para o vazio para tentar preenchê-lo. Se tivermos a sorte de ter algo para nos dizer, também podemos nos falar. Emprestar um ouvido atento. Ouvir o que temos a nos dizer é tão importante quanto ouvir o que os outros têm a nos dizer. Então, nos falamos e nos ouvimos falar. Mas não dizemos tudo, mentimos para nós mesmos. E quando somos muito convincentes, até chegamos a nos tornar alguém... Trinta anos dormindo. A vida é um sonho, pelo menos metade dela. A outra metade é uma mentira. Com alguns momentos de verdade que nem sempre é bom dizer. Parece que está clareando, não é? Vai fazer bom tempo esta noite. Olhe, podemos ver as estrelas. Parece que elas nos falam. Tenho certeza de que há alguém lá em cima. Pessoas que falam entre si ou que não se falam. Pessoas que falam consigo mesmas ou que já não se falam. Pessoas que contam histórias e acabam acreditando nelas. Pessoas que também falam para o vazio. Às vezes, à noite, presto atenção nesses habitantes do céu. Achrom que algum dia poderemos falar com eles? Falar sobre o bom tempo e falar sobre a chuva?

14. Nosso pai que estás em nós

Se nos cruzássemos na rua tal como seremos daqui a trinta anos, achas que nos reconheceríamos? Não tenho certeza... Mas não estou falando de vocês e de mim. Mal nos conhecemos. É pouco provável que eu me lembre de vocês. Especialmente porque em trinta anos terão envelhecido bastante. Serão irreconhecíveis. Se ainda estiverem aqui... Não, estou me referindo a mim mesmo, se amanhã me encontrasse casualmente comigo mesmo tal como serei daqui a trinta anos... Minha cabeça me diria alguma coisa? Há trinta anos, eu tinha o cabelo comprido, andava de moto e lia Rock & Folk. Se me encontrasse hoje no metrô, com a cabeça limpa, lendo Vida Financeira, faria a conexão? Pelo menos pensaria: "É curioso, a cara desse velho idiota me parece familiar. Parece um pouco com meu pai." Nesse caso, eu não teria mais vontade de falar comigo mesmo... Mudamos bastante em trinta anos. Geralmente, para pior. Será que continuamos sendo exatamente os mesmos... ou inevitavelmente tendemos a nos tornar nosso próprio pai? Todos temos medo de morrer um dia, mas estamos errados em nos preocuparmos com isso. Não se morre em um dia. Ou apenas por acidente. Quando se morre de velhice, morre-se um pouco todos os dias. E até chega-se a esquecer de si mesmo. Todos estamos destinados a nos tornarmos soldados desconhecidos. Se tiveres a sorte de viver mais trinta anos, não serás tu que enterrarão, será outra pessoa. Alguém que não conheces, a quem nunca conheceste e a quem nunca conhecerás. Um estranho que talvez nem gostes. Porque é preciso encarar as coisas de frente: raramente melhoramos à medida que envelhecemos. Pensa que se já não gostas muito de ti hoje em dia, dentro de trinta anos, provavelmente odiarás a pessoa em que te tornaste. Até pode ser que desejes a sua morte. Quem não deseja mais ou menos a morte do seu pai? Acusarás que não cuidou de ti como um filho. E ele te culpará por não teres sabido cumprir os seus sonhos. Para entenderes o nosso pai, seria preciso tê-lo conhecido quando era criança. E mesmo assim... De manhã, olho-me no espelho, já me custa reconhecer-me e não encontro nada interessante para me dizer. Então, se tivesse à minha frente um cara como eu com trinta anos a mais... Um cara que talvez nunca chegue a existir, aliás. Se soubéssemos a data da nossa morte quando nascemos, saberíamos quando vivemos metade da nossa vida... Não, a comunicação intergeracional, mesmo com nós mesmos, não é fácil. Mas dou-te um conselho: se te cruzares contigo mesmo amanhã tal como serás daqui a trinta, quarenta, cinquenta anos, reza esta oração: Nosso pai que estás em nós, que o nosso nome te continue a ser familiar, que o teu declínio seja tranquilo, que a tua falta de vontade não condene nossos sonhos, dá-nos a cada dia uma razão para viver até a tua idade, perdoa as nossas derrotas como nós também deveremos perdoar a tua renúncia, permite-nos cair em tentação e livra-nos dos remorsos.

15. Fazer a neve cair

¡Podem ficar sentados! Sou... o vosso novo professor de filosofia. Eu sei, até agora, conheciam-me mais como monitor de educação física... Mas a senhora Louca, quer dizer, a senhora Lorca, como sabem, suicidou-se na noite passada imolando-se na banheira cheia de super sem chumbo... Ah, vocês não sabiam? Peço desculpa. Enfim, como a Educação Nacional está temporariamente sem existências no que diz respeito a professores de filosofia... Quem sabe porquê, os professores de filosofia são como os padres, há uma crise vocacional... Enfim, a diretora pediu-me para substituir a senhora Louca. Lorca. Já sabem, agora é preciso ser polivalente no nosso trabalho... É preciso saber adaptar-se... Também vocês, quando tiverem um trabalho, se conseguirem encontrar um, vão pedir-vos para saberem adaptar-se. Chamam-lhe empregabilidade. Enfim, foi o que a diretora me disse. Eu sei, têm exames no final do ano, mas... Era eu ou nada... Por isso, é melhor aprenderem a adaptar-se desde já. Bem, se não têm perguntas, vamos começar. Bem, afinal, o que é a filosofia? Não é assim tão complicado, certo? É colocar as questões básicas. Quero dizer, as perguntas fundamentais. Enfim, perguntas que não servem para nada, percebem? Como... Não sei... Que diabo é esta confusão à nossa volta? Como é que este desastre começou? Será que esta confusão alguma vez terminará? Onde quer que a senhora Louca esteja agora, talvez tenha finalmente as respostas a todas essas perguntas... Infelizmente, não pode voltar para nos dizer se há uma existência após a essência. Está completamente carbonizada. Portanto, para os exames, vão ter de desenrascar-se sozinhos, certo? Enfim, passamos milénios em que todos os filósofos se fazem este tipo de perguntas estúpidas, sem serem capazes de encontrar uma explicação que faça sentido. Bem, podem ficar surpreendidos, dado que nunca estudei filosofia, mas eu acredito que encontrei a resposta. Bem... um começo de resposta... O que é preciso fazer é abordar o problema desde a base. Vão ver, procurando bem, vão descobrir que a resposta está em vocês. E que não precisam de engolir todos esses livros com títulos incompreensíveis que constam na bibliografia que a senhora Louca vos deu no início do ano. Não sei se ela própria os tinha lido todos, mas vejam lá onde isso a levou... Não, acreditem em mim, é melhor cada um partir da sua própria experiência, recorrendo às suas próprias memórias. Tenho a certeza de que em algum momento da vossa vida já se depararam com a verdade sem darem conta. Pessoalmente, aconteceu-me... o que se poderia chamar uma revelação, fazendo uma peregrinação ao Mont-Saint-Michel. No início, aliás, não estava muito entusiasmado. Quero dizer, para ir ao Mont-Saint-Michel. É mais a minha mulher que... Mas bem, o Mont-Saint-Michel, é algo que pelo menos se deve ver uma vez na vida, certo? E como a viagem de autocarro era paga pela câmara municipal. Enfim, chegamos lá ao parque de estacionamento com a minha mulher por volta do meio-dia, depois de três horas de viagem no meio do nevoeiro sem sequer podermos parar numa bomba de gasolina para fazer xixi. Não havia tempo a perder, porque tínhamos de voltar naquela mesma noite a Paris, por isso era mais uma situação de comando, percebem? Por isso, toda a gente saiu do autocarro rapidamente e começou a dirigir-se para a basílica a passo rápido. Apesar de não acreditarmos muito em Deus, é verdade que ali há um ambiente propício à meditação... Enfim, estávamos mais ou menos a meio do caminho quando a minha mulher me disse: "Reparaste? O Mont-Saint-Michel está inscrito no património da humanidade e se não fizermos nada, daqui a alguns anos, nem sequer será uma ilha". Na altura, admito que não percebi

muito bem o que ela queria dizer com isso. A maré estava baixa, por isso o Mont-Saint-Michel, com o nevoeiro, parecia mais uma grande porcaria pousada ali no meio da praia. Mas é verdade que me fez refletir. E assim, comecei a fazer perguntas a mim mesmo. Por que razão o Mont-Saint-Michel em vez de nada? Por que razão a minha mulher em vez de outra? Por que razão a possibilidade de uma ilha com a maré alta e não com a maré baixa? Entretanto, estávamos quase a chegar à basílica. Estava muito frio! Era dezembro, alguns dias antes do Natal. Pode ser que também tenha algo a ver com isso. Por isso, à medida que subia a colina, sentia algo estranho dentro de mim... Tinha a convicção de que naquele lugar sagrado, ia encontrar a resposta a todas as perguntas que nunca me tinha feito até então. Mas como estava um pouco cansado, tinha frio e tinha prometido à minha sogra trazer-lhe algo do Mont Saint-Michel, ocorreu-me entrar numa loja de recordações. Devo dizer que não faltam nesse lugar recordações... Enfim, procurei na loja se podia encontrar algo barato para a minha sogra. E então, como por magia, deparei-me com uma daquelas pequenas cúpulas de vidro cheias de água com o Mont Saint-Michel no interior. Sabem do que estou a falar? Em Paris fazem o mesmo com a Torre Eiffel. Automaticamente, peguei no objeto na minha mão e depois, como impelido por uma vontade alheia à minha, comecei a agitá-lo. Não vão acreditar, mas começou a cair neve. Quero dizer, primeiro dentro da bola de vidro, claro. Mas depois olhei para a porta. Também estava a nevar lá fora! Foi então que percebi de repente. Aquela bola de vidro era o universo em miniatura. O mundo que tinha nas minhas mãos. Senti-me iluminado por essa revelação. Olhei para a bola. Olhei para fora. Quanto mais agitava a bola, mais neve caía sobre o Mont Saint-Michel. Senti-me todo-poderoso. Era o Todo-Poderoso! Bem, depois de um tempo, como o vendedor me estava a olhar de soslaio, tive de largar a bola. A pouco e pouco, toda a neve voltou a cair e voltei à realidade. Mas a partir desse momento, sei que o mundo é uma bola de cristal onde se pode ver o passado e o futuro. Agitar a bola é como o Big Bang. Os flocos nunca caem no mesmo lugar, na mesma ordem ou à mesma velocidade, mas no final, toda a neve cai sempre no chão. Depois só tens de agitar a bola mais uma vez e tudo começa de novo. Sempre é diferente, mas no final volta a ser o mesmo. Não há dois flocos iguais, todos seguem um percurso diferente, mas sempre há a mesma quantidade de neve e tudo acaba por cair no chão, percebes? Bem, ainda não consegui perceber quem agita a coisa e porquê, mas... tenho uma ideia. Por que achas que todos os tolos que entram numa loja de recordações no Mont Saint-Michel sentem um desejo irresistível de agitar a coisa de que te falo? Pelo prazer de ver cair a neve! Então, se Deus, se existir, não quiser fazer o mesmo? E prepara-te, porque não acabei... E se Deus, afinal, sou eu? Quero dizer, vocês também, se quiserem. Resumindo, a soma de todos os tolos da nossa espécie, certo? Admite que isso te deixa perplexo, não é? Por isso, quando a Diretora me perguntou se tinha algumas noções de filosofia para substituir a Senhora Louca, disse que sim imediatamente. Acredito que foi um sinal do destino, percebes? Uma oportunidade para mim de partilhar com o maior número possível de pessoas o conhecimento que adquiri modestamente sobre os mistérios do mundo que nos rodeia... Bem, acho que isso será suficiente por hoje. Não convém pôr a fasquia demasiado alta da primeira vez. Vamos lá, todos ao chão! Vamos fazer alguns exercícios juntos para terminar. Uma mente sã num corpo sã, como diz a Diretora.

16. Meio Desejos à Nação

Caros compatriotas, os meus desejos serão metade do comprimento do habitual, porque neste 31 de dezembro, às 20 horas, estamos em estado de emergência e o tempo está contra nós. Para começar, tenho um peru à minha espera em casa, e será bastante difícil de cozinhar. Talvez tenha exagerado um pouco: nem mesmo tenho certeza se consigo enfiá-lo inteiro no forno. De qualquer forma, a uma taxa de uma hora de cozimento por quilo, provavelmente não conseguirei degustá-lo até meados de janeiro. Mas esqueçamos esse peru gordo e voltemos às nossas ovelhas, ou seja, a vocês, meus queridos compatriotas.

O meu dever como Chefe de Estado é alertar-vos sobre a situação catastrófica do nosso país neste momento. Quando este ano começou, tínhamos 365 dias. Hoje resta apenas um. Isso mostra que o déficit do nosso país continua a crescer inexoravelmente dia após dia, ano após ano. Fiquem tranquilos, acabei de rezar a Deus para que, na Sua imensa misericórdia, nos conceda uma nova linha de crédito a partir de amanhã. Mas devo adverti-los: a nossa Nação não pode continuar a gastar o seu tempo sem limites desta forma.

É por isso que decidi, a partir de 1 de janeiro, substituir apenas um dia em cada dois. O próximo ano terá apenas seis meses. Começará em 1 de janeiro e terminará em 30 de junho, data em que me apresentarei novamente a vocês para desejar um feliz ano novo. Claro, compreendo que essas mudanças, tão necessárias para o nosso país, exigirão um esforço de adaptação da vossa parte. Mas não se preocupem, devido ao aquecimento global, em breve não notarão a diferença entre as estações e todos os anos lhes parecerão iguais. Apenas perceberão que os anos sem verão lhes parecerão um pouco piores que os outros.

Em perfeita coerência com esta reforma, que também duplicará o rendimento de todos os impostos arrecadados anualmente pelo Estado, decidi uma medida contundente: a eliminação da mudança de horário de verão para horário de inverno, que durante anos dividiu a Nação. A partir de agora, haverá apenas uma hora, mas apenas durante seis meses por ano!

Meus queridos compatriotas, desejo-vos um excelente meio ano. Viva a República das ovelhas!

17. Noite de slides

Contar a sua vida é um pouco como projetar slides. As imagens são sempre menos emocionantes para os outros do que as memórias que guardamos para nós mesmos. Mas na era dos selfies, quem se lembra do encanto narcotizante das noites de slides de outrora? Para os mais jovens, uma explicação é necessária. Após uma viagem iniciática ao outro lado do mundo, que naquela época poderia ser Marrocos, Grécia ou até mesmo o sul da Córsega, um casal de aventureiros de férias pagas reunia seus amigos mais leais em torno de um buffet com sabores desses lugares distantes. Como recompensa, na hora do café, eles projetavam fotos das férias na parede branca da sala de estar. Claro, antes disso, esses grandes repórteres haviam se encarregado de organizar centenas de slides em diferentes bandejas, por temas, e estudado cuidadosamente a ordem das fotos para dar ainda mais sentido ao conjunto. Além de dominar a arte da fotografia, eles também precisavam se destacar na arte da montagem. Durante a transição de um slide para outro, coordenada pelo mestre de cerimônias com um controle remoto com fio, o projetor emitia um som semelhante ao de uma fotocopadora. Clic clac. Os incidentes eram, é claro, frequentes. Uma bandeja montada ao contrário ou um slide de cabeça para baixo exigiam interromper a projeção para colocar tudo em ordem e não perder nem um pouco do espetáculo nem distorcer a mensagem de forma alguma. A duração dessa interminável sessão de cinema em câmera lenta, onde cada imagem do filme era comentada ao vivo pelo projetista, se estendia, portanto. Eram necessários verdadeiros amigos para suportar esse teste com um sorriso, fingindo estar empolgados com tanta exotismo. Que aventura! Era a vez deles de retribuir o favor. No próximo ano, seriam eles que imporiam aos amigos o filme das férias de suas vidas. Ter visto e ser visto, de volta para casa. Para existir um pouco, pelo menos uma vez na vida. Estar no centro das atenções, um de cada vez. Mas sempre entre eles. Felizes aqueles que, como eles, tiveram uma bela jornada. Hoje, na era do tempo real, contamos nossa vida enquanto a vivemos. Em vez de vivê-la. A existência da imagem precede a essência da viagem. A própria ideia de exotismo desapareceu com a globalização. A viagem não é mais do que um deslocamento. Não há outro lugar. Não há mais lembranças. E muito menos futuro. Resta apenas um eterno presente. Até que, com hologramas e inteligência artificial, possamos estar em todos os lugares o tempo todo. Como Deus. Mas, para quê? Venho de um mundo passado em que os únicos hologramas eram uma imagem no espelho da entrada, e a inteligência, assim como a estupidez, ainda era completamente natural.

FIM

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 100 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, varias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

Para amadores ou profissionais, a procura de um texto, Jean-Pierre Martinez optou por oferecer as suas peças em download gratuito no seu site La Comédiathèque (comediatheque.net). No entanto, qualquer representação publica fica sujeita a autorização junto da SACD.

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

A janela da frente
A representação não está cancelada
Apenas um instante antes do fim do mundo
Batas brancas e humor negro
Bem está o que mal começa
Bem-vindos a bordo!
Breves do tempo perdido
Cama e Café
Cara ou coroa
Cenas de Rua
Como um filme de Natal...
Crash Zone
Crise e Castigo
Cuidado, frágil !
De volta aos palcos
Dedicatória Especial
Denominação de Origem Não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Ela e Ele, Monólogo interactivo
Encontro na plataforma
Erro da funerária a teu favor
Euro Star
Flagrante Delírio
Gay friendly
Há um autor na sala?
Há um critico na sala?
Há um piloto a bordo?
Morrer de Rir
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sequer morto
No fim da linha
O amor é cego
O Cheiro do Dinheiro
O Cuco
O genro perfeito
O Jackpot
O Joker
O Rei dos idiotas
Os Náufragos do Costa Mucho
Plágio
Por debaixo da mesa
Preliminares
Prognóstico reservado
Quarentena
Quatro estrelas
Réveillon na morgue
Retrato de família
Sem flores nem coroas
Sexta-Feira 13
Strip Poker
Um breve instante de eternidade
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um pequeno assassinato sem consequências
Uma herança pesada
Uma noite infernal

*Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seu site :*
<https://comediathèque.net>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Janeiro de 2024

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-128-2

Documento para download gratuito